Nuno Velloso
O "crioulo" de olhos azuis que estudou com Marcuse relembra o Zicartola

Roberto M. Moura

Já no final da minha tese de doutorado para a UNIRIO, sobre a roda de samba, percebi que ela estaria incompleta se não colhesse o depoimento de Nuno Velloso. Cearense que virou sambista, filho adotivo de Cartola e Zica que fez doutorado sob orientação de Herbert Marcuse, na Europa, Nuno permanece como esfinge quase insondável. Parceiro do ícone mangueirense, amigo de Elton Medeiros, ex-professor da ECO, nos tempos mais vanguardistas da Comunicação, Nuno hoje é um pacato septuagenário que mora na Lagoa e dá aulas na Escola Superior de Guerra, dentro do Forte São João, na Urca. Ex-presidente da Ala de Compositores da Mangueira, faz décadas que não põe os pés na quadra.

Receptivo e irônico, Nuno me deu um depoimento que extrapola a tese, a ser publicada pela Editora Rocco ("No princípio, era a roda"). E o que não usei lá está aqui.

Professor aposentado da UFRJ e da UFF, Nuno Velloso tem atualmente 74 anos (nasceu em 15 de março de 1930) e ainda dá expediente diário na ESG. Mora na Av. Epitácio Pessoa, na Lagoa, mas preferiu o ambiente do Forte, onde está desde 1975, para conversar sobre o Zicartola.

De todos os amigos e parceiros próximos ao mangueirense Angenor de Oliveira, o Cartola, estranhamente, Nuno é dos menos ouvidos – e poucos privaram com tanta intimidade da vida do casal que juntou os no-

mes para batizar aquele ambiente cult dos anos 1960 no Rio. As linhas seguintes talvez ajudem a compreender isso.

Nuno Linhares Velloso é cearense e, como o nome indica, foi o nono filho de uma família de classe média (Elesbão e Beatriz Linhares Velloso) transferida para o Rio quando ele tinha apenas dois anos de idade ("nós viemos para cá de Ita e os parentes dizem que chegamos ao porto da Bahia no dia em que eu fiz dois anos").

No início, a família morou na Praça São Salvador, mudando-se depois para a Rua Coelho Neto, em Laranjeiras. Nuno começou a estudar no Lycée Français, hoje Liceu Franco-Brasileiro, e Zica era a sua babá. Nuno é também descendente do ex-presidente José Linhares, que hoje dá nome à rua em que fica o Bracarense, bar que como o Zicartola costuma reunir boêmios e intelectuais.

Mas, em 1939, o mundo desabou sobre os Linhares Velloso. Beatriz, a matriarca, morreu, deixando Elesbão viúvo e com 9 filhos menores. A família se desagregou. Alguns dos filhos mais velhos foram trabalhar. O pai foi para Queimados. Mas Nuno, sem nenhuma convicção, como faz questão de repetir, prosseguiu os estudos – inclusive para ter uma desculpa e não trabalhar.

– Veja o que era o Rio naquela época. Eu pegava um bonde de Laranjeiras à Central. Tomava o trem para Nova Iguaçu. De lá, outra condução até Queimados. Descia e andava mais dois quilômetros para visitar meu pai. Eu era um menino – e não havia perigo nenhum em fazer o que eu fazia.

Transferido para o Colégio Pedro II (Internato, no Campo de São Cristóvão), onde foi colega do cenógrafo, professor de Belas Artes e ex-carnavalesco Fernando Pamplona, ali concluiu o ginásio e o científico – ao mesmo tempo em que, já adolescente, dava suas escapadas ao Morro da Mangueira para rever Zica – ainda sem Cartola. Logo depois, e durante 20 anos, de 1943 a 1963, o futuro sambista e professor foi um satélite orbitando em torno de Zica e de Cartola, a quem conheceu na casa de Lúcio Rangel.

– Cartola era o chato que me obrigava a estudar. Quando morei com eles, eu tinha até hora para entrar. Se não chegasse, ele trancava a porta. Sorte minha que Zica deixava a janela encostada sem Cartola ver. Eu chegava de madrugada, abria devagarinho e pulava pela janela.[1]

Nuno faz questão de ser reconhecido – acha que só chegou onde chegou por causa da insistência do compositor. "O que eu queria era ficar no morro, ele é que me obrigava a encarar os livros", repete. Essa atividade

dupla levou Nuno quase simultaneamente à Faculdade de Filosofia e à Ala de Compositores da Mangueira, da qual chegou a presidente, entre 1957 e 1960 – e as duas unções devem-se ao estímulo de Cartola.

Além de parceiro, o então universitário era fã de Cartola e lhe agradava muito participar daquele ambiente humilde que lhe garantia privilégios como ser testemunha das visitas de Villa-Lobos:

– Cartola só o chamava de Heitor e algumas vezes vi o maestro transcrevendo seus sambas para a partitura. Transcrevia e dizia: "está tudo errado, mas é lindo". Aliás, muitas vezes se reduz a obra de Cartola, mas ele não era só sambista. Fazia canções, baladas, quase valsas – e para ser sincero me lembro muito pouco dele na quadra, cantando com a bateria tocando. Cartola sempre foi mais da roda, do ambiente menor do regional. Na sua música, costumava repetir, só podia ter corda e couro. Metal, nem o sax do Pixinguinha. Não que ele não gostasse, só achava que não era para a sua música.

O envolvimento de Nuno com a Mangueira, a essa altura, era de tal ordem que lhe motivou uma temeridade:

– No desfile de 1960, o julgamento era feito embaixo da ABI, na Rua Araújo Porto Alegre. Houve uma confusão, porque queriam dar a vitória à Portela, alegando-se pontos negativos de outras escolas em função do regulamento. Não tive dúvida: roubei a urna com os votos e saí correndo. A comissão acabou considerando, então, cinco escolas como campeãs: Portela, Mangueira, Salgueiro, Unidos da Capela e Império Serrano.

Terminada a faculdade, um irmão mais velho de Nuno ajudou-o a fazer mestrado em Filosofia da Arte, na Inglaterra. De volta ao Rio, foi estudar Direito, na antiga UEG, na Rua do Catete. Também por insistência de Cartola, que chegou a ir com ele fazer a inscrição para as provas. Foi nessa época que Nuno se tornou redator da revista A Ordem, de orientação tomista, dirigida por Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção.

Depois de formado, tentou exercer a advocacia, mas logo viu que a atividade não combinava com o exercício da presidência da Ala dos Compositores da Mangueira. Nuno já participara, como cantor e compositor, do primeiro elepê com os sambistas da escola e, apesar da pele e dos olhos claros, era um d'Os 5 Crioulos, dos primeiros grupos a cultuar o samba de quadra – num momento em que os sambas-enredo já ganhavam espaço (os outros quatro eram Anescar, Nelson Sargento, Mauro Duarte e Jair do Cavaquinho).

Quando o conjunto foi contratado para gravar, veio o impasse: o nome não combinava com a pele de um dos cinco. Nuno chegou a participar da gravação, mas não apareceu na capa. Fez parte também da formação original do conjunto A Voz do Morro, com Zé Kéti e Elton Medeiros, mas com eles não adentrou estúdios. Tornou-se gradativamente mais da academia que do samba, a não ser pela convivência permanente com Cartola e Zica.

Foi nessa época que entrou em sua vida a Frein Universitat Berlin – Osteurope Institute, para onde ele foi em 1963 fazer o Doutorado em Filosofia. Ali, tornou-se assistente de um filósofo mundialmente conhecido e cuja obra teria enorme repercussão no desbunde dos anos 1970: Herbert Marcuse. Judeu alemão, perseguido pelo nazismo, Marcuse buscava reinterpretar Marx e Freud à luz da sociedade industrial.

É com essa bagagem que Nuno agora reinterpreta a relação de grande intimidade que teve com os dois endereços do casal mangueirense no centro da Cidade. Nuno praticamente morou com Cartola e Zica na Rua dos Andradas e muitas vezes dormiu na Rua da Carioca.

– A diferença básica entre os dois endereços é que na Rua dos Andradas tudo era estritamente amador. Não havia nenhum tipo de couvert artístico ou coisa semelhante. Quando o Zicartola foi inaugurado, já era mesmo uma casa de samba.

Obviamente, Nuno não acompanhou o ocaso do Zicartola. Mas, de volta da Alemanha, já doutor, Cartola e Nelson Cavaquinho estavam a esperá-lo no cais da Praça Mauá.

– Durante todo o tempo em que estive na Alemanha, Cartola me escrevia toda semana. Quando chegava o carnaval, mandava pelo correio a fantasia da ala – eu, naquele frio alemão, chorava abraçado à fantasia. Quando desci do navio, vi Cartola e Nelson e não tinha a menor idéia de onde ia morar. Nelson disse que tinha conseguido uma casa, no Jardim América, e teria prazer em me receber. Respondi-lhe que não queria incomodar e ele respondeu: "me incomodar? Ora, a minha casa é o último lugar onde eu posso ser encontrado". Acabei aceitando.

Nuno retornou ao Brasil casado com a mãe de suas duas filhas, Maria Adelaide ("o casamento durou só dois anos, com o detalhe de que eu morava na Alemanha e ela na França, namorávamos nos fins de semana"). Como o casamento, também a relação com o samba foi se esvanecendo. A mulher foi trabalhar na revista Ele & Ela e ali conheceu Muniz Sodré, jornalista, professor e escritor.

Muniz já estava na Escola de Comunicação da UFRJ, a ECO. Sabendo que o marido da colega trabalhara na Alemanha com Marcuse, um dos ícones da Comunicação daquele período, apresentou-o a Simeão Leal, o diretor da faculdade – de modo que Nuno Velloso tornou-se então professor de Teoria da Comunicação.[2]

Posteriormente, ao lado do mesmo Muniz Sodré, Nuno fez prova para professor da UFF. Os dois foram aprovados.

Nuno e eu saímos da ECO quase ao mesmo tempo: formei-me em 1974 e ele foi cedido à Escola Superior de Guerra em 1975, embora tenha tido os seus salários pagos pela UFRJ até a aposentadoria.

Por causa de artigos publicados na época no Jornal do Brasil (o que talvez explique o índex a que foi relegado), Nuno foi acusado de ser "há muito tempo agente da CIA" por dois colunistas de peso: Leandro Konder, no próprio Jornal do Brasil, e Paulo Francis, no Pasquim. Como é de seu temperamento, ironizou a acusação, dizendo que "não tinha nada contra ser agente, desde que o salário fosse em dólar e os colunistas dissessem há quanto tempo ele exercia a função, para poder cobrar os atrasados."

Certo dia, conversando na redação com o falecido jornalista Juarez Barroso, Muniz perguntou-lhe se havia alguma chance de Nuno ser o reacionário de que o acusavam. Juarez observou que já falara sobre o assunto com a Dona Zica: "agente da CIA, o Nuno? O que o Nuno é, é maluco."[3]

Pode ser, mas um maluco beleza, de pensamento ágil e capaz de enfrentar um mito:

– Dizem que Cartola nunca quis sair de Mangueira, mas isso não é verdade. Em todas as saídas do casal , foi ele que quis. Sempre quem quis ficar ou voltar foi a Zica. As mulheres mangueirenses sempre foram agarradíssimas com o morro. Lembra do Jordan, que jogava no Flamengo e chegou a ser convocado para a seleção brasileira, apesar de lateral e ter que marcar o Garrincha? Pois é, ganhou um dinheirinho e comprou um apartamento para a mãe, ali pertinho em Vila Isabel. A velha foi? Que nada, disse que não ia abrir mão da roda de lavadeiras da qual fazia parte e onde a comunidade sabia de tudo. Mas isso era no tempo em que o morro só tinha uma bica d'água, as mulheres todas em volta dela.

O grande legado do Zicartola, para Nuno, foi ter aberto para toda uma geração de sambistas a estrada que levaria ao disco e à carreira profissional. Tradução livre, usando a terminologia de Roberto DaMatta: foi quando quis restabelecer a "casa", reinventando a roda em outro espaço, que o

compositor do morro pôde afinal chegar à "rua", isto é, ao mercado e ao consumo. Mas, o mais importante do Zicartola foi ter estimulado o velho mangueirense a fazer acordar a sua veia criativa, dando início à série de composições mais relevantes de sua discografia. Com o bar, sambistas, jornalistas e intelectuais descobriram que Cartola estava muito vivo e, lembrando Guimarães Rosa, "existia de se pegar."

Nuno e o gigantismo das escolas

A partir do instante em que o desfile das escolas de samba se tornou o ponto principal do carnaval carioca, o sambista passou a viver um paradoxo. Sua escola tinha cada vez mais prestígio. Sua festa, cada vez mais admiradores, dentro e fora do país. Em compensação, o espaço de divulgação de seus sambas foi se tornando uma exclusividade do samba-enredo. A disputa, estimulada pela novidade do faturamento do direito autoral, acabou acirrando divergências que trouxeram como resultado o afastamento das quadras daqueles que já não sentiam nelas o ambiente antigo.

Nuno Velloso concorda que o estranhamento do sambista diante da escola se radicaliza de fato em 1967, no carnaval de *O mundo encantado de Monteiro Lobato.*

– Mas, bem antes, os compositores e partideiros já preferiam ir para o Buraco Quente[4], já achavam a quadra muito cheia de "estrangeiros". E, fora da Mangueira, eu acho que foi a partir do enredo sobre Palmares, do Salgueiro, que a classe média começou timidamente a descobrir o samba e os ensaios como programa de fim de semana. Quando veio o Monteiro Lobato, já não se podia nem andar na quadra.

Nuno reproduz a fala de seu tutor em *Chega de demanda/Cartola,* curta de Roberto Moura: "antigamente, a escola era o meu divertimento; hoje não é mais. Hoje, é comércio. Mangueira dá um lucro danado ao Estado. Mas dizer que gosto, eu não gosto, não."

Nuno e o *Zicartola*

Pode-se argumentar que a casa, em verdade, nasceu antes, na Rua dos Andradas, 81, num velho prédio que, como disse o Sergio Cabral, "serviria também de sede da Associação das Escolas de Samba". Foi lá a pista de testes do Zicartola, inaugurando-se a equação irresistível da boa mesa com

a boa música. Prossegue Sergio: "naquela casa conheci o talento de Dona Zica como cozinheira. Aparecia sempre lá para ouvir os sambas de Cartola e saborear o feijão, a carne assada, a carne seca com abóbora e tantos outros pratos que ela fazia com engenho e arte".

Batiam ponto por lá, além do próprio Sergio Cabral, o crítico Lúcio Rangel, os cronistas Sergio Porto (o Stanislaw Ponte Preta) e Jota Efegê, o caricaturista Lan e o pintor Raimundo Nogueira. Entre os sambistas, não era difícil encontrar Zé Kéti, Elton Medeiros, Nelson Cavaquinho e este *doublé* de sambista e professor universitário Nuno Velloso, figura muito querida de Cartola, que o tinha como um filho adotivo, e um dos integrantes "da primeira formação do conjunto A Voz do Morro, que nasceu naquela casa" (Cabral, 2003: 12).

Notas

1. Entrevista ao autor, na Escola Superior de Guerra, em 11 de fevereiro de 2003.
2. Foi nesta cadeira que o conheci, em 1970, quando fiz meu vestibular para lá (a ECO ainda na Praça da República, ao lado da Delegacia de Polícia).
3. Muniz Sodré, por telefone, ao autor, em 11/02/2003.
4. Denominação de uma parte do alto do Morro da Mangueira onde os sambistas costumam se reunir em, rodas de partido-alto e onde Stokowski conheceu os sambas de Cartola, levado por Villa-Lobos, nos anos quarenta.